

Análise fílmica e educação: metodologia e necessidades formativas docentes

Film analysis and education: methodology and docent formative needs

Marcio Antonio Raiol dos Santos

Universidade Federal do Pará

marsraiol@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4723-1231>

Margarida do Espírito Santo Cunha Gordo

Universidade Federal do Pará

margaridagordo@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-9507-6726>

Carlos Afonso Ferreira dos Santos

Universidade Federal do Pará

afonso.fersantos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4008-5478>

RESUMO

Este artigo objetiva realizar reflexões sobre as possibilidades didático-pedagógicas e as necessidades formativas para o uso dos filmes em sala de aula, a partir das percepções de docentes de uma escola da rede pública de ensino de Belém-PA. A coleta dos dados foi feita com questionário e a análise realizada com a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado indicada por Moreira, Simões e Porto (2005). Evidenciamos que a maioria dos docentes mantém contato com os filmes e os concebe como importantes na escola, sendo a internet o principal instrumento de acesso a eles. Além disso, a percepção entre os educadores é que o material fílmico é um recurso dinâmico e estimulador. Entretanto, é visível a carência de formação continuada à realização de análises fílmicas nas aulas. Reivindicamos a busca docente a processos formativos que evidenciem a linguagem cinematográfica como recurso pedagógico qualitativo no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Análise fílmica. Educação. Escola. Formação docente.

ABSTRACT

This article aims to perform reflections about didactic-pedagogical possibilities and formative needs for the use of movies in the classroom, based on the perceptions of teachers from a school in the public education system of Belém, state of Pará. The data collection was performed by a questionnaire and the analysis, with the Technique of Elaboration and Analysis of Units of Meaning indicated by Moreira, Simões and Porto (2005). We evidenced that most of the teachers keep in touch with the movies and conceive them as important in school, and the Internet is the main instrument of access to them. In addition, the perception among educators is that the movie material is a dynamic and stimulating resource. However, the lack of continuing training is visible to performing film analyses in the classes. We demand the teacher's search for formative processes that evidence film language as a qualitative pedagogical resource in the learning teaching process.

Keywords: *Film analysis. Education. School. Teacher training.*

Introdução

O ato de ir ao cinema vem se tornando, ultimamente, uma prática social de acentuada expressão contemporânea revelada pelo conjunto de simpatizantes que incorporam às suas vidas cotidianas a interação direta com as obras cinematográficas em evidência no cenário nacional e internacional.

Essa prática é anunciada pela frequência constante¹ de sujeitos às salas do chamado cinema comercial, presentes quase sempre em espaços de consumo, a exemplo dos shoppings centers. Dito isto, destaca-se que, assim como tais espaços, a produção cinematográfica nos moldes atuais representa certa ênfase a obras direcionadas ao simples entretenimento do público. Não obstante, essa produção, de característica audiovisual, também carrega consigo a possibilidade de ir além do entretenimento, funcionando como catalisadora para reflexões e aprendizados.

A presença do cinema é consideravelmente significativa em várias esferas da sociedade, em virtude de sua visível relação com a revolução midiática constatada em todo o mundo. Nesse sentido, tornou-se comum o acesso às mídias para assistir a filmes, por intermédio da exploração dos aparelhos eletrônicos (televisão, computador, celular e tablet), para subsidiar tais momentos que, em certo grau, representam atualmente os principais momentos de contato humano com as obras fílmicas se comparado a locais

¹ Ainda que, no cinema brasileiro, o número de ingressos vendidos em 2017 ter sido baixo se comparado a 2013 e 2014, revelando uma queda crescente no número de frequentadores das salas de cinema no país no que concerne à frequência do público para assistir a filmes brasileiros. Panorama contrário aos filmes estrangeiros, sendo estes de maior poder de atração do público brasileiro no cinema. Ver em:
https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_1o_semestre_-_2017.pdf.

onde existem salas de cinema, espaços estes social e historicamente organizados com vistas à exibição de produções cinematográficas em expansão no mundo todo.

Outro ponto importante é seu papel no espaço educativo, visto que o cinema, assim como outras produções artísticas e culturais, pode ser uma base significativa para o aprofundamento de discussões que incidem sobre o processo de ensino aprendizagem. Logo, o mesmo apresenta-se como estratégia fecunda para o estímulo ao aprendizado de uma cultura audiovisual.

Em face disso, esta pesquisa objetiva discutir as possibilidades didático-pedagógicas dos audiovisuais e seus desdobramentos metodológicos por meio da análise fílmica, bem como suas visões no universo docente, centrando-se nas relações docente/cinema, no valor educativo atribuído pelos professores e nas necessidades formativas para tal ferramenta educativa.

Para tanto, organizamos este artigo em três momentos: uma revisão de literatura sobre o valor educativo e possibilidades pedagógicas provenientes do cinema e da análise fílmica, a descrição e análise dos processos didático-metodológicos para a análise fílmica e a apresentação e análise dos dados da pesquisa de campo realizada com 44 docentes atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (Campus/Belém).

A relevância desta pesquisa consiste em levantarmos dados que possam servir de diagnose e ações que promovam uma formação docente direcionada para o uso de filmes na sala de aula, tendo em vista estes fazerem parte do cotidiano dos alunos. Visa-se ainda propor uma organização pedagógica e metodológica voltada para a análise fílmica, ao entendermos a importância da utilização do cinema como carreador de informações, conhecimento e aprendizagem escolar.

Análise fílmica: valor educativo e possibilidades pedagógicas

Percepções descritas por Duarte (2002) em relação à sua aproximação pessoal com filmes revelam em síntese o vasto campo de experiências resultantes dessa relação, as quais, na visão da autora, foram úteis ao desenvolvimento do aspecto emocional, instigaram sua capacidade reflexiva e interpretativa e permitiram o acesso ao conhecimento dos valores de outras culturas, ampliando a possibilidade de questionar seus próprios conhecimentos.

Presente no mundo em larga escala e permitindo a reunião de apreciadores que

compartilhavam da mesma sensação de entusiasmo causada pela linguagem cinematográfica nas primeiras décadas do século XX, o cinema, segundo Louro (2010, p. 423), já era considerado um “evento social” por se apresentar como um mobilizador de uma expressiva parcela da massa urbana no Brasil.

Instituído como modalidade de lazer, entendemos o porquê do cinema gradualmente representar expressiva significância cultural, uma vez que, revelada como uma nova pedagogia cultural, se constituiu, durante todo o século XX, enquanto espaço ou prática afirmadora de identidades (LOURO, 2010). A afirmativa de Louro possibilita a análise crítica sobre o quanto a cultura no mundo moderno relacionava-se à busca pela compreensão do homem à luz deste século, no qual determinadas produções culturais, por intermédio da influência do sistema capitalista, acabavam por reificá-lo (JULIÃO, 2013). Esta era uma característica marcante da indústria cultural, duramente criticada por autores da Escola de Frankfurt, como Theodor W. Adorno e Max Horkheimer.

Em paralelo a tal contexto, situamos o cinema enquanto uma dessas produções culturais que no século XX ganhou análise crítica de outros pensadores frankfurtianos como Siegfried Kracauer, o qual, em um de seus ensaios intitulado *As pequenas balconistas vão ao cinema*, nos apresenta a ideia de que o cinema atua no imaginário das pessoas que interagem com as obras cinematográficas ao firmar que “os filmes sensacionalistas de sucesso e a vida correspondem entre si, pois as senhoritas datilógrafas moldam as suas vidas segundo os exemplos que veem na tela de cinema” (KRACAUER, 2009, p. 313).

A visão de Kracauer (2009) nos permite um segundo paralelo entre as discussões mais amplas acerca do cinema enquanto produção cultural, a própria indústria cultural e a função revolucionária² por trás desta arte até os dias atuais, uma vez que, estando sob o controle dos monopólios culturais na sociedade moderna do século XX, o cinema, a exemplo da ideia sistematizada por esse pensador, representou tão somente uma relação de dependência entre sujeito e produção cinematográfica, haja vista “não satisfazer as necessidades de crítica social de seus consumidores” (KRACAUER, 2009, p. 311), estando, pois, a serviço do mercado, da indústria cultural cinematográfica.

Embora critique essa concepção, Kracauer ressalta, a partir das análises de Julião (2013, s/p), que de um modo ou outro o cinema acaba sempre por espelhar a sociedade, e

² Apoiado em pensadores da Escola de Frankfurt, sobretudo em Walter Benjamin, Almeida (2013) apresenta importante discussão acerca da função revolucionária da arte cinematográfica no século XX.

que nesta ação está concentrada uma das finalidades desta arte na qual, necessitando ser realista, “estaria a fonte mais rica de discussão social e, nessa esteira, de possibilidade de desmascaramento e intervenção”. A partir dessa discussão, encontramos no cinema e na produção cinematográfica duas necessidades. De um lado, a necessidade de pensá-los como produto histórico e cultural da sociedade moderna em inter-relação ao sistema capitalista vigente, possuindo característica de mercado. E, de outro, a necessidade de visualizá-los como arte passiva de crítica social, especialmente no que diz respeito ao conteúdo encenado nas telas, o qual, embora represente um espelhamento da sociedade tal como nos possibilita entender Kracauer, não nos isenta da assistência crítica aos valores transmitidos pela linguagem cinematográfica.

Trazendo esta concepção para o universo cinematográfico dentro da escola, é necessário que acima de tudo se priorize as questões culturais que envolvem a relação entre sujeito e produção cinematográfica neste ambiente, de modo que o contato dos alunos com filmes em sala de aula resulte em experiências críticas, reflexivas e qualitativas. Nesse sentido, conseqüentemente torna-se necessário exprimir o acompanhamento pedagógico voltado a essas experiências tendo por base as experiências anteriores que se tem com o cinema, tanto por parte docente, quanto discente.

Acerca disso, Bourdieu (2011) explica aquilo que se desenvolveria a partir da experiência com o cinema: a chamada competência para ver. Segundo o sociólogo, as experiências culturais são imprescindíveis, pois ditam a maneira do olhar que cada pessoa tem sobre um filme. Em sua visão, essa competência não se daria apenas por assistir a um filme, mas levando em consideração que o modo de se atribuir significado aos materiais cinematográficos se dá pela inter-relação entre as informações e saberes constituídos ao longo da vida e as informações e saberes adquiridos na experiência com os materiais audiovisuais.

Nessa perspectiva, Fabris (2008) apresenta considerável relação do que entende por cinema como objeto para a educação. Adotando-o como uma produção cultural, a utilização de materiais cinematográficos, como material empírico, pode se desenvolver a partir da movimentação de imagens produzidas pelo cinema nas quais se analisa os significados culturais ali produzidos, haja vista serem textos culturais que ensinam e podem ajudar a olhar e conhecer a realidade da sociedade, contribuindo assim na produção dos significados sociais.

Tais significados podem originar-se por intermédio das múltiplas culturas contidas nos filmes, estando diretamente ligada à forma de observação e apropriação de seus

conteúdos. Em torno disso, acredita-se que a análise fílmica é uma importante metodologia para ser usada na escola, mas, para isso, o desenvolvimento dessa atividade não deve ser feito de forma aleatória e descompromissada, mas a partir de um planejamento que considere a escolha qualitativa dos filmes e a interpretação refletida dos múltiplos significados contidos neles.

Partindo desse pressuposto, Vanoye e Goliot-Lété (1994) ressaltam que no exercício pedagógico, a análise de um filme pode significar a atividade em si e o produto desta. Isto é, em um processo constante, a decomposição ou o desmontar de um filme, seria o meio pelo qual se consiste em descrever e interpretar uma linguagem fílmica. De acordo com os autores, essa análise se constituiria em dois momentos: a descrição a partir da desconstrução de um texto para a obtenção de um conjunto de elementos distintos do próprio filme; e a interpretação, que buscaria a compreensão dos elos dos elementos isolados e como esses elos se associam e se relacionam para a busca de um significante.

Nesse contexto, essencial se faz o entendimento sobre os elementos da linguagem fílmica, os quais refletem a compreensão de que não se efetiva um processo de análise de filmes sem os elementos pertencentes a uma determinada obra cinematográfica, quer seja, em caráter de objetividade, a ideia de que a linguagem cinematográfica se baseia no “processo de conduzir uma narrativa e de veicular ideias”, segundo Martin (2005, p. 22). Nesse processo, visualizamos um diálogo entre Vanoye e Goliot-Lété (1994) e Martin (2005) no qual os primeiros destacam a interpretação de um filme na busca de um significante e o segundo aponta que o cinema e sua linguagem funcionam a partir da reprodução fotográfica da realidade, de modo que a representação (significante) em um filme veicula sempre um significado que, nesse caso, depende do tratamento e da interpretação de uma obra, isto é, da análise de alguns de seus elementos, tais como organizados na tabela abaixo:

Elementos	Descrição
Imagem fílmica	De valor estético, reproduz o real, afeta os sentimentos e toma uma significação ideológica e moral
Enquadramentos, ângulos, movimentos e planos da câmera	De ordem técnica, agentes ativos do registro e criação da realidade material e fílmica
Iluminações	Elementos indispensáveis à criação de expressividade na imagem fílmica
Figurinos	
Cenários	
Cor	Utilizada, sobretudo em função das implicações psicológicas que causam nos assistentes (cores quentes ou frias, por exemplo)
Elipse	A narrativa: elementos significantes ordenados pelo cineasta em uma obra, que sugerem a interpretação do telespectador

Ligações e transições	Constituição das articulações de uma narrativa
Metáforas e símbolos	“(…) tudo mostrado na tela tem um sentido e, geralmente, um segundo significado que pode não parecer senão depois de nele se reflectir” (p. 117)
Montagem	“(…) organização dos planos de um filme segundo determinadas condições de ordem e de duração” (p. 167).
Fenômenos sonoros	Oferece autenticidade a imagem mostrada (impressão da realidade); possui função dramática (o silêncio), dentre outras.

Tabela 1 – linguagem cinematográfica e alguns de seus elementos

Fonte: sistematização dos autores a partir de Martin (2005).

Tendo em vista o conceito de análise fílmica ancorada à compreensão dos elementos inerentes à linguagem cinematográfica, a margem para interpretação de materiais cinematográficos destoante de um significante associado à análise sócio histórica por trás dos filmes se tornaria menor em relação a uma análise que busque a essência qualitativa de ideias e elementos que expressam uma cultura de discussão, haja vista que todo e qualquer material fílmico não deve ser entendido como uma fonte de verdade incontestável, sendo imprescindível uma análise do tempo e do contexto que a obra apresenta (SILVA, 2010).

Desta forma, o trabalho com filmes compreende a análise de um ponto de vista, pois, qualquer que seja a intenção do espectador diante de um audiovisual, este não mostra os aspectos do mundo real, mas quase sempre os oculta, operando como um reflexo da realidade, idealizando e propondo um “contramundo” que pode ser descrito a partir de alguns elementos da análise fílmica (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 56).

Assim, há uma grande diferença entre um espectador que assiste a um filme como forma de lazer e entretenimento e um observador crítico que expõe suas análises com base nas experiências culturais e sócio históricas, revelando, ainda, um caráter de reflexão mais profunda a partir do material fílmico. O primeiro vê o filme e assume um papel passivo diante da tela, deixando-se levar pelo entretenimento proporcionado pelo audiovisual, sem nenhuma intenção crítica ou de análise. O segundo assiste ao filme com outros olhos, observa atentamente e examina todos os indícios que caracterizam essa linguagem — relevante no contexto educacional — e a submete às suas próprias hipóteses, agindo assim de forma ativa e racional por um processo de distanciamento (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994).

Importante salientar que o ato de assistir a um filme por um espectador em busca de lazer não se reduz a uma forma desinteressada ou desinformada, pois, segundo Melo (2006, p. 9), “(…) isso não significa (pelo menos não deveria) uma atitude alienada: é

possível, e mesmo interessante, que essa forma de lazer também se constitua como uma atitude de reflexão intelectual”.

Tal reflexão pode ocorrer pelo direito de liberdade de expressão, ao passo que os discentes podem assistir a um filme e refletir interna ou externamente, de modo coletivo ou individual, sendo eles livres para escolher o que mais lhes é válido, a maneira mais prazerosa de vivenciar o momento. Na opinião de Viana (2009), cabe ao docente responsável pela organização dessa atividade caracterizá-la como uma oportunidade de aprendizagem, instigando o senso crítico dos sujeitos, para que a prática não se reduza a um simples momento de diversão.

Nessa perspectiva, a convicção do papel que as obras fílmicas ocupam na busca de um potencial de reflexão e aprendizagem é inegável. O pressuposto que se tem do uso do cinema enquanto material pedagógico necessário à educação não é uma novidade e, para além disso, não há falta de embasamento teórico que legitime a utilização dos audiovisuais como um dos importantes e inclusivos meios que se tem para o alcance de níveis de práticas socioculturais dentro e fora da escola.

Nesse sentido, Dourado e Oliveira (2009), ao buscarem situar um horizonte no qual a presença de uma educação de qualidade se torne referência, direcionam um entendimento que vai além de reduzir o sistema educativo a etapas de escolarização. Eles se baseiam noutros estudos para compreenderem a escola como um espaço múltiplo e, por isso, com diversas dinâmicas formativas, situando-se como um elemento que constitui e é constituinte de relações sociais amplas que incidem sobre a transformação e a manutenção dessas mesmas relações.

Logo, apontar um espaço que se organiza como fomentador de relações sociais dinâmicas requer prioritariamente que se pense a educação como um processo de socialização multidimensional. Nesse raciocínio, Duarte (2002) apresenta um contexto no qual a educação é vista como uma das formas que proporciona a socialização dos indivíduos, trazendo a concepção, baseada em George Simmel (1983), de que o cinema tem um papel social e educativo dentro da escola, a partir do momento em que ela se constitui como um espaço plural de relações sociais.

Alimentando esse pensamento, Duarte (2002) ressalta a importância de aprender a aprender com os filmes no espaço educativo, interpretando os recursos audiovisuais e extraindo deles reflexões que permitam entender o mundo dos valores e, ainda, por ser pedagogicamente uma natureza rica de significados, produzir saberes, debater sobre identidades e apresentar visões de mundo que evidenciam o próprio mundo dos

indivíduos que os assistem. Assim, o cinema na escola, além de educar para a sensibilidade, para as emoções, ainda é fonte inesgotável de conhecimento que incide sobre a própria formação cognitiva, cidadã e social das pessoas, revelando assim seu valor educativo.

É importante, acerca disso, entender o cinema a partir de todos os seus vieses e abordá-lo como uma leitura artística que sustenta perspectivas educativas e possibilidades que extrapolam o universo de análise indutiva de mundos e ideias. Esse viés é significativo quando se visibiliza que as estratégias educativas utilizadas dentro da escola, amparadas por metodologias educacionais convencionais, dificilmente produzem efeitos multidimensionais nos sujeitos ali inseridos. Não almejamos apoiar o argumento de que a utilização de filmes em sala de aula seja a única estratégia que proporciona práticas pedagógicas significativas. Contrariamente, o adotamos como mais um possível meio de aprendizagem, pois cinema é arte e “arte é conhecimento” (DUARTE, 2002, p. 87).

Nessa direção, a relação entre cinema e educação está no mesmo patamar da relação entre arte e conhecimento. Mas, apesar da associação visível entre cinema e escola, ainda não se conseguiu consolidar tal parceria. No que concerne à associação entre arte e conhecimento, a ideia de que cinema é entretenimento sugere a ideia de não arte, resultando na falsa impressão de não produção de conhecimento (DUARTE, 2002). Não obstante, tais ausências de associações e consolidações não excluem o caráter que se tem acerca da importância e legitimidade do quarteto cinema, educação, arte e conhecimento. Desta forma, esses quatro pilares não podem reforçar um meio que reduz o potencial de objeto sociocultural do cinema a uma mera ferramenta destituída de significação social (FANTIN, 2007). De acordo com a autora, a atividade pedagógica a partir de imagens, sons e movimentos é uma constituinte que atua diretamente na consciência do sujeito e no âmbito que se refere às questões sociais, políticas e culturais.

Assim, a análise que se tem acerca do cinema enquanto arte que dispõe de singularidades próprias, as quais atingem diretamente as esferas prazerosas e emocionais dos indivíduos, é importante fator que converge no sentido de trazer os filmes para dentro das salas de aula. Ademais, entende-se que o interesse por materiais fílmicos é uma evidência concreta na sociedade contemporânea. Logo, transformar esta evidência na materialização de propostas educativas é o que se preza na construção de hábitos metodológicos que incluam a utilização de filmes no cotidiano escolar.

Como vimos, o cinema apresenta um valor inegável no campo educativo. Em vista disso, também é inegável a necessidade docente de dominar os processos metodológicos inerentes ao seu trato didático.

Processos metodológicos para a análise fílmica

Embasando-se da perspectiva que torna o cinema prática cultural, é importante que este seja entendido como um fomentador do processo de interações entre sujeitos e imagem fílmica. De acordo com Louro (2010), os sujeitos não são meros receptores de mensagens. Ao contrário, participam ativamente dos processos pedagógicos, mantendo relações distintas com a imagem, como: acolhida, ruptura, conformidade, resistência, crítica ou combinações entre elas.

É evidente que tais relações são mantidas inerentes aos meios subsistentes de análise fílmica, pois acolher ou romper, por exemplo, com as ideias que são expostas por um material audiovisual requer que se examinem atentamente os elos e os efeitos que tal produção apresenta. Essa ideia parece subsidiar a ação metodológica do uso de filmes no espaço escolar e, nesse sentido, apresenta formas que desenvolvem o processo pedagógico de utilização desses materiais como ferramenta formativa. Assim, enfatizar processos metodológicos nessas condições requer planejamento que leve em conta as abordagens didáticas exigidas pela pedagogia do cinema.

Precedentemente, recorreremos a alguns elementos apontados por Rose (2007), que direcionam para uma abordagem crítica da cultura visual. Argumenta a autora sobre a necessidade de um olhar cuidadoso sobre as imagens visuais. Ressalta ainda a importância de refletir sobre as condições sociais e os efeitos dos objetos visuais, com o intuito de analisar as práticas, significados e efeitos culturais revelados, bem como de considerar sua própria maneira de olhar as imagens, pois os modos de ver de cada pessoa são historicamente, geograficamente, culturalmente e socialmente específicos.

As premissas apontadas por Rose (2007) se tornam estratégias que podem ser adotadas pelos educadores no processo escolar de ensino aprendizagem. A estratégia que toma como centralidade a análise de filmes é a metodologia apresentada que evidencia e coloca em prática o recurso cinematográfico nas salas de aula. Reforçando tal ideia, Napolitano (2009) reconhece que o educador que desejar trabalhar com materiais fílmicos precisa conhecer sobre a obra audiovisual escolhida, selecionando-a, visualizando-a e

apurando seu olhar crítico. Por sua vez, Moreira e Monteiro (2012) indicam a necessidade de verificar se ela atingirá os objetivos almejados e alcançará de forma objetiva os alunos.

Considerando que os filmes são textos artísticos que podem gerar discussões e elementos sociais práticos, de acordo com Napolitano (2009), um planejamento de trabalho com filme pode ser organizado da seguinte forma: seleção de trechos que serão analisados posteriormente com anotação de cenas representativas; análise dos conceitos e valores repassados pelos filmes com posterior reflexão; preparação dos recursos que serão utilizados; verificação da experiência cultural dos alunos com o cinema e conhecimento de sua cultura audiovisual.

Nesse contexto, para o trabalho com temáticas particulares no processo de ensinar e aprender, são necessários métodos que priorizem o antes, o durante e o depois da exibição dos filmes.

O “antes” gira em torno do já exposto anteriormente, isto é, o planejamento que analise os valores por trás dos filmes e deixe claro quais objetivos se pretende atingir com o material, entendendo, de acordo com Napolitano (2009), a necessidade de mobilizar a classe para a importância da utilização do recurso, com prévia preparação do ambiente e destacando uma pequena sinopse com comentários explicativos sobre o filme (SILVA, 2010).

A dinâmica que integra o “durante”, viabiliza a exibição do filme na íntegra para os discentes. Isso poderá aguçar a curiosidade, as dúvidas, os questionamentos, entre outros aspectos favoráveis à construção de conhecimentos. É nesse processo que serão revelados os conceitos de análise fílmica, ou seja, a decomposição dos elementos dos filmes.

Corroborando tal ideia, Penafria (2009) aponta alguns pontos que podem estabelecer a análise crítica dos materiais fílmicos. De acordo com a autora, é importante observar a dinâmica da narrativa atentando para a decomposição do filme por partes. Conjuntamente a essa decomposição, as caracterizações dos pontos de vista deverão ser trabalhadas para que se observem três sentidos: o visual/sonoro, para análise dos aspectos visuais e sonoros do filme, o narrativo, que atenta à junção das noções da história e enredo do filme, e o ideológico, que pretende investigar a posição/ideologia/mensagem do filme em relação ao seu tema. Esses sentidos podem ser visualizados no contexto de interpretação de uma obra fílmica a partir dos elementos da linguagem cinematográfica (Quadro 1).

Por saber que o professor atuará como mediador constante no processo que conduzirá à análise dos filmes pelos educandos, Silva e Davi (2012) entendem ser

importante a promoção da fruição, isto é, aproveitar o máximo da ação, propondo intervenções que possam ser proveitosas para instigar dúvidas, curiosidades, complementos e também a compreensão.

Dessa forma, o passo final do processo metodológico reflete o “depois” da exibição do filme. Considerando a meta do professor, ou seja, aquilo que pretendeu previamente atingir, as abordagens feitas nesse momento posterior à apresentação do material requer que se pense o grau de reflexão que o mesmo proporcionou aos discentes. Napolitano (2009) recomenda um diálogo sobre a reação da classe em relação ao filme exibido, reiterando que não se deva falar apenas das emoções que o filme possa ter causado, mas sendo necessário que se abram discussões a partir das análises e reflexões dos aprendizes.

O debate sobre as ideias do filme, nesse sentido, é condição necessária para se obter os resultados almejados a partir da utilização do recurso cinematográfico nas salas de aula. Esse debate e, conseqüentemente, a reflexão das ideias, implica em registrar as impressões dos alunos, segundo Silva (2010), atentando para a análise das possíveis mudanças no olhar e em suas vidas diárias, sendo interessante pedir para que façam um paralelo entre as visões que o filme apresenta e as percepções da sociedade.

É importante notar ainda que planejar essa parte final da atividade pode adicionar alguns elementos extras que são interessantes destacar como, por exemplo, entrega ou sugestão de leituras complementares (MOREIRA; MONTEIRO, 2012) que integrem a temática do material fílmico. Essas leituras são importantes elementos, pois podem auxiliar positivamente na geração de discussões sobre os filmes.

Napolitano (2009) dialoga com a ideia de valorização da temática do filme. Os desdobramentos a partir dessa valorização podem ser os mais variados. Ressalta a importância de propor atividades em cima das temáticas dos filmes, pois elas darão suporte para a compreensão da análise crítica feita a partir da abordagem do material fílmico.

Com a intenção de nortear metodologicamente o docente para o trato com os recursos audiovisuais em sala de aula, apresentamos, na tabela abaixo, uma síntese de alguns procedimentos metodológicos necessários para facilitar a prática docente no viés da pedagogia do cinema:

Procedimento metodológico	Descrição
Antes da exibição	
Preparação prévia	Escolher e assistir (a) o material fílmico e propor objetivos a partir da temática.

Aperfeiçoamento do olhar	Analisar conceitos e valores do filme e refletir sobre eles.
Preparação do ambiente	Preparar materiais que serão utilizados e verificar a cultura audiovisual dos alunos.
Durante a exibição	
Exibição	Exibição do filme na íntegra para os alunos.
<i>Análise fílmica</i>	Observação da dinâmica da narrativa a partir dos pontos de vista nos sentidos visual/sonoro, narrativo e ideológico.
Professor mediador	Promover a fruição dessa dinâmica e intervir no andamento do processo, quando necessário.
Depois da exibição	
Reflexão pós-filme	Conversa sobre reação da classe, para além da emoção em relação ao filme.
Discussão pós-análise	Discussão das opiniões dos alunos e debate a partir das reflexões das ideias.
Registro	Registrar impressões dos alunos e seus olhares em relação ao paralelo que fazem entre o filme e a sociedade.
Elementos extras	Entrega ou sugestão de leituras complementares e realização de atividades que valorizem a temática do filme.

Tabela 2 – procedimentos metodológicos para a análise fílmica

Fonte: Autores do artigo com base nos estudos de Napolitano (2009); Penafria (2009); Silva e Davi (2012); Silva (2010); Moreira e Monteiro (2012)

Com isso, apontamos ser necessária a materialização de propostas voltadas à utilização de metodologias no trabalho pedagógico docente que incidam diretamente sobre os processos de ensino e aprendizagem. Assim, entendemos o processo metodológico da análise fílmica como emergente e atual em meio à revolução cultural caracterizada pelo cinema na sociedade contemporânea. Em função disso, inferimos ser significativo ao ambiente escolar disponibilizar e usufruir dos conteúdos fílmicos a fim de tornar multidimensional o processo educativo.

Metodologia utilizada para realização da pesquisa

Embasando-se nos elementos que apontam a análise fílmica como recurso significativo para o trabalho pedagógico no ambiente escolar, esta pesquisa busca apresentar a relação dos docentes com os filmes, o valor educativo por eles atribuído a esse tipo de recurso, bem como levantar uma discussão sobre os níveis de formação docente para a ação educativa com o cinema na escola.

Para atingir o objetivo do trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo com 44 docentes atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará em Belém. Nesse sentido, foi instituído o procedimento de “escuta” dos docentes, visto que estes foram os sujeitos da pesquisa. Para

esse feito, recorreremos aos questionários, os quais foram aplicados no período das aulas da referida instituição. Esses instrumentos continham grupos de questões objetivas e abertas, subdivididos em três categorias, a saber: 1) filmes no cotidiano pessoal docente; 2) filmes na sala de aula e 3) formação docente.

A coleta de dados com os sujeitos da pesquisa ocorreu mediante apresentação de termo de consentimento livre e esclarecido e memorando, os quais apresentavam os objetivos e propósito do estudo, bem como esclarecimentos sobre a participação do docente para a realização e andamento da pesquisa. Optou-se por questionário, firmado em Ribeiro (2008), em virtude da garantia de anonimato, das questões objetivas de fácil pontuação, da abertura para o tempo de pensamento sobre as respostas e do custo razoável.

Para analisar os dados coletados, optamos pela Análise de Conteúdo sistematizada por Moreira, Simões e Porto (2005), referente à Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado para tratamento e análise das informações, de modo a interpretar, por meio da compreensão dos discursos, os significados dos fenômenos evidenciados na coleta. Tal análise esteve firmada na abordagem metodológica quanti-qualitativa, com orientações de Minayo e Sanches (1993), pois asseguram que um estudo quanti-qualitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa, de modo que a utilização de termos numéricos são “norteadores de fidedignidade” e a análise detalhada permite o exercício interpretativo de entendimento de realidades sociais (MINAYO, 2012).

Apresentação e análise dos dados

Divididas em três módulos de análise, as questões feitas aos docentes objetivavam direcionar a discussão para a compreensão acerca do contato com filmes no cotidiano do professor, com vistas a ações docentes permeadas pela utilização dos recursos audiovisuais na sala de aula e sua possível formação para essa utilização. Inicialmente, coletamos dados sobre a categoria filmes no cotidiano pessoal docente e os detalhamos na tabela 3, a seguir.

Uma vez por semana	10	22,72%
Duas vezes por semana	9	20,45%
Três ou mais vezes por semana	17	38,63%
Uma vez por mês	1	2,27%
Não responderam	3	6,81%
Não possuem contato com filmes	4	9,09%

Tabela 3 – frequência docente de acesso a filmes

Fonte: Autores do artigo

A questão colocada buscava entender a frequência com que os docentes investigados acessam filmes em suas rotinas diárias. As respostas revelam que 37 entrevistados (84,07% dos educadores) mantêm contato com filmes. Sendo que a maior frequência de acesso é três ou mais vezes por semana, que é a rotina de 17 profissionais, o que corresponde a 38,63% do total de sujeitos. Em uma menor escala, 10 docentes (22,72%) responderam que veem filmes uma vez por semana. Os que estão acessando duas vezes por semana, são 09, o que corresponde a 20,45% do montante. Apenas 01 (2,27%) profissional disse que assiste a filmes uma vez por mês, 03 (6,81%) optaram por não responder tal questionamento e 04 (9,09%) afirmaram que não acessam filmes.

Esses números são elucidativos, demonstrando que a maioria dos educadores assiste a filmes, caracterizando-os como instrumentos viáveis a serem utilizados para ajudar na construção dos conhecimentos em sala de aula. Noutra vertente, ainda é perceptível que uma parcela menor desses profissionais, por não acessarem os filmes, ainda carece dessas instrumentalizações para a organização de atividades que possam facilitar as ações escolares docentes e discentes.

Essas evidências são reafirmadas por Duarte (2002) ao refletir que é necessário encontrar maneiras que estimulem o gosto pelo cinema e, nesse sentido, o próprio gostar passa pela forma com que se aprecia um filme dentro de um contexto. Tal observação, conforme essa autora, poderá suscitar a possibilidade de contato com outras realidades, narrativas e ações. Por sua vez, a percepção de Fischer (2007) revela que o contato com a linguagem fílmica em evidência é importante, acima de tudo, porque conduz a ação docente para uma “ampliação do repertório” (FISCHER, 2007, p. 298) de modo a direcionar, por meio das análises fílmicas, as atividades temáticas com os estudantes na escola.

Outro questionamento feito aos docentes refere-se à categoria filmes em sala de aula. Objetivou-se com esse questionamento saber se é ou não importante fazer uso de filmes em sala de aula e, nos casos afirmativos, quais as finalidades da utilização. Quanto à

primeira questão, averiguamos que 43 docentes (97,72% do total) reconhecem que tal atividade é importante, em oposição a apenas 2,27% desses sujeitos, isto é, 01 docente.

No que concerne à segunda indagação, organizamos a tabela 4, a seguir, a fim de melhor distribuir as finalidades assinaladas, a quantidade de docentes que responderam e o percentual de respostas a cada item.

Finalidade	nº	%
Formar o aspecto crítico e intelectual a partir de reflexões da realidade social	35	79,54%
Formar [o aluno] na perspectiva do mundo moderno	1	2,27%
Contato com a língua e cultura estrangeiras	1	2,27%
Instigar a formação política	1	2,27%
Incentivar a sensibilidade artística	1	2,27%
Possibilitar conhecimentos culturais	1	2,27%
Garantir aprendizagem significativa	1	2,27%
Reforçar as teorias de sala de aula	1	2,27%
Refletir sobre ciência e economia	1	2,27%
Instigar educação visual e estética	1	2,27%

Tabela 4 – finalidade dos filmes em sala de aula, quantitativo docente e percentual de respostas

Fonte: Autores do artigo

Verifica-se na tabela 4 que a maioria dos docentes considera que utilizar os filmes em sala de aula possibilita “formar o aspecto crítico e intelectual a partir de reflexões da realidade social”. Atribuímos uma das razões desses dados às significativas influências teóricas de autores trabalhados tanto na formação a nível de graduação quanto nas formações continuadas da classe docente.

Nesse sentido, ao questionarmos os docentes acerca das finalidades atribuídas aos filmes em sala de aula, verificamos discursos relacionados à formação discente no ambiente escolar, sendo tais ideias frequentemente discutidas no processo formativo docente a partir dos argumentos de referências notáveis do campo educacional, a exemplo de Freire (1996, p. 43) que destaca que somente se “pensando criticamente as práticas de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática”. Igualmente, para Gadotti (2003, p. 39), toda reflexão deve ser crítica e “o professor não pode ser reduzido a isto ou àquilo, seu saber profissional, de experiência feita, de reflexão, de pesquisa, de intervenção, deve ser visto numa certa totalidade”.

Tratando especificamente sobre os filmes, Fabris (2008), Duarte (2002) e Fischer (2007) são autores outros que corroboram os dados analisados no questionário. O primeiro argumenta que os materiais cinematográficos ensinam a olhar a realidade e a sociedade de modo a se produzir significados sociais. O segundo aponta que o cinema na

sala de aula reflete a formação cognitiva, cidadã e social das pessoas. Em perspectiva semelhante, o terceiro destaca a necessidade de ampliação do repertório docente para o trabalho com filmes, de modo que seu próprio trabalho pedagógico contribua na educação dos sentidos e na formação de um pensamento crítico.

Outro fato a ser destacado na tabela 4 é que 09 educadores, ou seja, 20,43% do total, revelam opiniões heterogêneas quanto ao objetivo de se usar filmes como instrumento pedagógico. Acredita-se que isso ocorre em razão do que Cunha (2009) considera como o início dos efeitos das “forças de mudança”, em que os educadores precisam objetivar em suas práticas um modelo de ensino que possibilite o atendimento às exigências da contemporaneidade, marcada pela multiculturalidade, pela complexidade e seu constante avanço no campo da ciência.

Corroborando Christofolletti (2009), torna-se essencial sinalizar que o trabalho com filmes e sua finalidade na escola implica na atitude de busca aos meios de comunicação, como o audiovisual, para a organização do procedimento metodológico de análise de filmes. Ressalta-se que essa dinâmica subsidiará e contribuirá de forma decisiva para o alargamento das fronteiras da escola e, nesse sentido, do ensino como um todo. Isso tudo porque a busca pelos meios de comunicação, além de garantir experiências audiovisuais no cotidiano do professor, garante subsídios pedagógicos para o trato com o conhecimento, sendo significativa sua utilização na extrapolação das dinâmicas formativas de ensino.

As respostas dos docentes às perguntas resultaram em alguns indicadores reveladores de suas percepções sobre a utilização do recurso audiovisual na sala de aula, os quais estão sistematizados no tópico a seguir.

Percepções docentes sobre a utilização dos filmes em sala de aula e acesso docente a obras cinematográficas

Indicadores	Respostas
Recurso socializador	“Socialização”; “além de enriquecer as estratégias metodológicas, proporciona maior interação à classe”.
Recurso dinâmico e estimulador que mantém o aluno atento	“os alunos ficam mais atentos e interessados”; “recurso que retém a atenção do aluno”; “motivação”; “torna o ensino dinâmico”; “estimula e chama a atenção do aluno”; “mais didático, atrativo”; “importante para dar uma maior dinâmica para as aulas e uma melhor visualização do conteúdo”; “ajuda o aluno a assimilar mais rápido as informações”.
Proporciona um melhor rendimento	“o professor deve manusear bem para tirar o melhor rendimento do aluno”.

escolar ao aluno	
Facilitador da aprendizagem	“facilita a aprendizagem”; “importante para contribuição da aprendizagem do aluno”; “facilita o aprendizado/ensino”; “é um instrumento importante que auxilia no processo ensino aprendizagem”; “é uma das ferramentas do processo ensino aprendizagem muito importante”; “recurso fundamental para trabalhar a língua e tornar a aula mais organizada para os alunos com necessidades especiais”.
Recurso pedagógico, didático e metodológico	“auxílio como recurso pedagógico”; “um recurso didático e metodológico”; “importante, mas tem que ter limite, com planejamento”.
Recurso complementar ao conteúdo	“complementa a atividade de ensino, sendo recurso fundamental”; “forma de o aluno detectar que a disciplina dele não está presa somente à sala de aula”; “permite uma visão crítica sobre o assunto abordado”; “ajuda a ter uma melhor absorção do conteúdo através do recurso audiovisual”; “é importante pela forma de relacionar os conteúdos trabalhados com diversos contextos significativos”; “é uma atividade complementar à atividade teórica”; “representação e leitura de um mesmo assunto que foi abordado na aula”.
Discussões de temas do cotidiano	“recurso para discutir o cotidiano e que possibilita debater sobre o tema”; “importante, pois é parte do dia a dia e da realidade cotidiana dos alunos”; “método atraente para debater temáticas”.
Interpretação da realidade concreta	“é fundamental, pois o filme é sempre a interpretação de algo, é concreto”.
Formação cultural	“ampliar o repertório cultural do aluno”; “contribui na formação cultural do aluno”; “ajudam a ensinar não só a língua, mas também a cultura dos falantes da língua inglesa”; “os recursos audiovisuais são importantes para que eles possam ter contato com outras formas de expressão”.
Formação crítica e apreensão de valores	“instrumento didático-pedagógico, mas também importante para formação intelectual e crítica do aluno”; “recurso importante para ajudar na formação dos alunos e na apreensão dos valores sociais, psicológicos e morais, assim como educacionais”.

Tabela 5 – percepções docentes sobre a utilização do cinema na sala de aula

Fonte: Autores do artigo

O cinema como recurso socializador (02 sujeitos, 4,54% dos entrevistados) destaca-se como um dos indicadores evidenciados. Na opinião dos professores, a utilização desse recurso desperta o interesse e promove uma interação mais produtiva na classe. Interação essa mais intensa com o auxílio de metodologias próprias ao trabalho com filmes, do que propriamente nas atividades ou aulas desenvolvidas sem aparatos tecnológicos e do audiovisual, sendo estas, muitas das vezes, não estimulantes do interesse do aluno, dificultando o processo de ensino aprendizagem.

Em estudo de revisão, Lourenço e Paiva (2010) levantam alguns elementos advindos das teorias cognitivas da motivação sobre a motivação escolar e sua influência no processo de aprendizagem. Estes autores, em um exercício de olhar a escola dentro desse processo, desvelam a necessidade de procurar, em sala de aula, soluções estimulantes e com possibilidade de execução se a intenção é fazer com que os alunos participem e se interessem pelos conteúdos trabalhados, posto que, conforme os mesmos

autores, um indivíduo motivado possui um comportamento ativo e, conseqüentemente, aprende melhor.

Essa visão se conecta às respostas do indicador para o cinema enquanto um recurso dinâmico e estimulador que mantém o aluno atento (percepção predominante entre os 44 educadores, de tal modo que 08 assim se posicionaram, o que caracteriza 18,1% dos sujeitos), fomentando sua motivação e interesse, de modo a possibilitar um rendimento educativo satisfatório (01 sujeito).

As afirmações aos três primeiros indicadores da tabela 5 nos permitem a associação ao pensamento de Duarte que, ao formular seu argumento fundamentado em Simmel (1983), constata que o cinema na escola se constitui como uma estratégia (tomando-o como um espaço) que evidencia relações sociais. Destacamos sobretudo esse pensamento ao diagnosticarmos que o cinema enquanto recurso em sala de aula possui como característica a própria relação entre sujeitos/sujeitos e sujeitos/linguagem fílmica que, em imersão no espaço da escola, representa fundamentalmente um momento plural de relações sociais, de acordo com a autora.

De acordo com outras respostas, o cinema é considerado um facilitador da aprendizagem (06 docentes, 13,6% do montante). Esse indicador engloba outro, a exemplo do entendimento do cinema como um recurso pedagógico, didático e metodológico (03 docentes, 6,81% das opiniões). Nessa perspectiva, a análise desses dois indicadores demonstra que o cinema, além de se constituir como recurso metodológico na escola, se caracteriza como uma linguagem histórica e social. Todavia, para possuir caráter pedagógico e possibilidades viáveis de sua utilização na escola, faz-se necessário ir à busca de metodologias e didáticas que garantam uma facilitação da aprendizagem pelas análises crítico-interpretativas dos enredos fílmicos, de modo que “o adequado equilíbrio entre as palavras e as imagens (...)” facilite “(...) os processos de desenvolvimento do pensamento em geral e, em particular, no processo de ensino/aprendizagem” (VIANA, 2002, p. 77).

Os indicadores anteriores permitem entender o fenômeno cinematográfico como um recurso complementar ao conteúdo (15,9%, 07 docentes), haja vista sua importância de acordo com os discursos apresentados pelos docentes, no sentido de permitir visões críticas sobre o conteúdo trabalhado ou até relacionar o mesmo com múltiplos contextos significativos. Uma razão a esse fato advém da compreensão dos educadores sobre as limitações pedagógicas que há nas práticas tradicionais de “ler e escrever”, necessitando assim de alternativas que instiguem outras experiências e facilitem a compreensão dos conteúdos. Viana (2010) comunga dessa ideia ao esclarecer que há tempos a escola

privilegia o uso escrito da língua, contrapondo essa afirmação ao indicar a necessidade deste espaço entender que o mundo hoje é o mundo da imagem e que, portanto, o estímulo visual exerce destaque no processo de ensino aprendizagem.

Nesse contexto, outras respostas permitem diagnosticar que o recurso cinematográfico na escola pode possibilitar discussões de temas do cotidiano (03 sujeitos, 6,81%), visto que os filmes promovem discussões, debates e pensamentos profícuos, dependendo da temática que se esteja trabalhando em sala de aula. Esta é uma opinião plausível que emerge da compreensão básica da educação como instrumento de transformação da realidade. Essa percepção tem embasamento teórico em Vanoye e Goliot-Lété (1994, p. 56), os quais compreendem que nos filmes “a sociedade não é propriamente mostrada, é encenada”.

Chamamos aqui a atenção para um indicador sobre a análise fílmica, ao constatar que o cinema interpreta uma realidade concreta. Entendemos que os filmes revelam um ponto de vista, conforme expressam Vanoye e Goliot-Lété (1994). Nesse sentido, segundo os autores, um audiovisual opera como um reflexo da realidade, visto que, como apontado anteriormente, “a sociedade não é propriamente mostrada, é encenada” (p. 56). Logo, apontar que os filmes interpretam uma realidade concreta parece destituir o sentido real por trás das imagens fílmicas que se propõem a construir um mundo possível, ou imaginário, que mantém relações complexas com o mundo real (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994).

Outra percepção sobre os filmes em sala de aula foi exposta por 9,9%, isto é, um grupo de 04 docentes que consideram os filmes como instrumentos de formação cultural. Um dos motivos para esse fato pode derivar da compreensão docente de que “o homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura” (MORIN, 2000, p. 52). Nesse sentido, alguns autores sustentam a percepção desses educadores: Lionço, Pinheiro e Nascimento (2013), quando defendem que ver filmes se constitui como hábito sócio educacional de suma importância à formação cultural humana, tal como acessar obras literárias, sociológicas e históricas; Louro (2010), ao destacar que o cinema se constitui como uma nova pedagogia cultural; Fabris (2008), ao pautá-lo como uma produção cultural e Fantin (2007), que o apresenta como um objeto sociocultural.

Por ser um recurso que produz e dá acesso à cultura, é importante atentar para as possibilidades do cinema que expressam a formação discente para a cidadania. Essa possibilidade é colocada no indicador que aponta o cinema como recurso que possibilita formação crítica e apreensão de valores. Nessa direção, ler o mundo a partir dos filmes é

de fundamental importância no contato com as imagens, que por sua vez expressam situações que muitas vezes se coadunam com uma realidade e proporcionam modos de olhar que revelam a apreensão interna no espectador de atitudes, pensamentos, valores e, até certo ponto, de mudanças delas.

A tabela a seguir apresenta os dados referentes às ferramentas que os docentes utilizam para a busca de filmes quando esses são exibidos aos alunos nas aulas.

Onde você encontra os filmes?		
Internet	40	90,90%
Canais fechados	4	9,09%

Tabela 6 – percepções docentes sobre a utilização do cinema na sala de aula

Fonte: Autores do artigo

Os dados da tabela 6 nos permitem inferir que a internet é o principal local de acesso aos materiais fílmicos pela maioria dos docentes investigados. Desse número, a maioria (23) recorre à plataforma digital Youtube, 12 ao streaming Netflix e 05 buscam filmes em sites diversificados. Os dados podem ser justificados pela facilidade de acesso à internet, tendo em vista vivermos em uma era na qual a rapidez de circulação de dados e informações são características marcantes do advento das mídias na sociedade.

Assim, é emergente o envolvimento docente com as novas tecnologias, haja vista a necessidade constante de comunicação e atualização de seus conhecimentos, pois na opinião de Kenski (2007) existe um duplo desafio da educação que consiste na adaptação aos avanços tecnológicos e na orientação do domínio e apropriação crítica da tecnologia pelos docentes. Por sua vez, Serafim e Souza (2011) valorizam o acesso e envolvimento docente com as novas tecnologias e salientam ser essencial o professor se apropriar dos saberes advindos das tecnologias digitais, de modo a sistematizá-los em sua prática pedagógica.

Formação docente para o trabalho com filmes em sala de aula

Procuramos evidenciar por meio do módulo de análise formação docente se o professor teve algum tipo de formação para o trabalho com filmes em suas aulas e, caso não tenha tido, se o mesmo sente a necessidade de participar desse tipo de formação para o desenvolvimento das atividades escolares. Os resultados estão expressos na tabela 7.

Você teve algum tipo de formação para utilização dos filmes nas aulas?		
SIM	11	25,00%
NÃO	33	75,00%

Tabela 7 – formação docente para utilização dos filmes em aulas

Fonte: Autores do artigo

Com esses dados, pode ser evidenciado que 75% dos docentes não tem formação para a utilização de filmes em aulas, tal como na pesquisa de Schulz e Spessatto (2015), ao apontarem o despreparo para a utilização de ferramentas tecnológicas em situações pedagógicas. Em face disso, infere-se que ainda ocorre um trabalho docente intuitivo para a utilização do recurso cinematográfico pelos professores que propõem em suas aulas o desenvolvimento de atividades com filmes, visto a não contemplação em suas formações de uma iniciação pedagógica voltada à alfabetização audiovisual capaz de garantir a construção de conhecimentos teóricos e práticos sobre a utilização dos filmes em sala de aula, isto é, a análise fílmica.

A alfabetização audiovisual voltada à apropriação teórico-prática para a utilização do cinema enquanto estratégia pedagógica e metodológica na escola se faz necessária mediante a abrangência de conceitos próprios da relação cinema/mídia, haja vista, conforme diagnosticamos na tabela 6, os sujeitos entrevistados recorrerem, quase que em sua maioria, à internet para o acesso a filmes com os quais direcionarão o trabalho de análise fílmica, caso o façam. Assim, conceitos como Alfabetização Midiática (UNESCO), Literacia Mediática (LOPES, 2011) e Educomunicação (SOARES, 2000) são propostas intrinsecamente ligadas a tal relação em perspectiva de formação docente para o trabalho pedagógico com as mídias e, conseqüentemente, com o cinema.

Sistematizada pela UNESCO, a finalidade principal da Alfabetização Midiática é garantir a socialização de conhecimentos básicos sobre as funções das mídias, tendo em conta a necessidade de avaliar como essas funções são desempenhadas com vista ao engajamento junto às mídias em uma sociedade tão difundida pelos avanços tecnológicos e das telecomunicações (CAROLYN et al., 2013). Dentro desse processo se situa a Alfabetização Cinematográfica enquanto terminologia associada à Alfabetização Midiática, e que se relaciona intimamente à necessidade de aprendizagem dos meios e processos para o trabalho com o cinema nos espaços educacionais.

Em paralelo a isso, cabe reiterar que a alfabetização midiática pode ser evidenciada tanto na formação de professores quanto no próprio processo escolar, de modo que professores e alunos possuam contato com esse tipo de aprendizagem. Essa visão é salientada também por Lopes (2011), ao pensar a “educação para os media”

enquanto abordagem educativa no século XXI, século este demarcado pelas sociedades da informação. Nessa perspectiva, visa-se com a Literacia Mediática “a capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspectos dos media e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diferentes contextos” (LOPES, 2011, p. 451). Esse conceito reflete, para a discussão aqui levantada, a relação entre cinema e mídia, uma vez que, mediante acesso às mídias para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com o cinema, faz-se necessário a exploração crítica de seu conteúdo com vistas à finalidade educativa com o cinema e, conseqüentemente, à utilização crítica e sistematizada dessa arte no contexto contemporâneo de educar pelas mídias e para a educação comunicativa.

O pressuposto apontado por Lopes (2011), por fim, é semelhante à premissa de Soares (2000) para o conceito de Educomunicação, ao apresentar uma instituição denominada comunicação, a qual se consolida por intermédio de uma cultura essencialmente audiovisual que, por influência do mundo pós-moderno, ganhou centralidade e valorização social na educação do século XXI, resultando, assim, no campo da inter-relação comunicação/educação: educomunicação. Nesse sentido, para o autor

[...] outra questão ganha relevância e diz respeito às condições que os professores têm de conviverem com o novo *modus comunicandi*, próprio das novas tecnologias e inerentes à natureza das comunidades virtuais. Em outras palavras, discute-se sobre os atuais e os vindouros paradigmas da educação em seu confronto/associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor/instrutor nesta revolução tecnológica (SOARES, 2000, p. 12).

Imersos nesses conceitos, dos quais os pressupostos para o trabalho com o cinema em contexto tecnológico, midiático e informacional possui relevância destacada em um processo formativo docente para o trabalho com filmes em sala de aula, perguntamos aos sujeitos entrevistados se sentem necessidade de formação para trabalharem a análise fílmica na escola. 11 docentes (25%) expressaram não sentir tal necessidade, 08 docentes (18,18%) não responderam, enquanto 25 (53,81%) responderam que sentem falta desse tipo de formação. Isso se evidencia pela ausência de formação para o trabalho com filmes que a maioria dos docentes não teve, entendendo que, em uma perspectiva educacional, essa ausência pode acarretar em formas descompromissadas e aleatórias do trabalho com o recurso audiovisual.

Advinda da necessidade acima anunciada, é imperativa a necessidade de uma “socialização da inovação” (KENSKI, 2007, p. 43), a qual propicia a busca por recursos que

interessam à variedade metodológica escolar e em última instância direcionam para múltiplas aprendizagens. Essa variedade valoriza a educação não apenas como reprodutora de conhecimentos socialmente válidos, mas como facilitadora do acesso às múltiplas formas de ensinar e aprender.

Procuramos entender quais elementos garantem a necessidade de formação para o trabalho com filmes dos docentes pesquisados. A sistematização desses elementos está disposta no tópico a seguir.

Representações docentes sobre a necessidade formativa para o trabalho com filmes e conhecimentos sobre a “pedagogia do cinema” e “análise fílmica”

Dentre as representações docentes mencionadas sobre a necessidade formativa para o trabalho com filmes em sala de aula, percebemos um alinhamento aos discursos e indicadores apresentados na Tabela 5, a qual apresenta a percepção que os mesmos possuem do papel pedagógico do cinema. Nessa perspectiva, a representação mais evidenciada se atrela à necessidade comungada do cinema para amparar o trabalho com outros temas transversais ou conteúdos escolares.

Em nossa análise, esse é o anseio da maioria em razão da linearidade da estrutura curricular ainda vigente. Logo, a classe docente reconhece que para mobilizar aulas com maior dinamismo, são necessários recursos diferenciados. Acerca disso, Santomé (1998, p. 111) confirma que a estrutura curricular de disciplinas nas escolas “desanima, não incentiva iniciativas dos estudantes para o estudo nem para a pesquisa autônoma, não estimula a atividade crítica nem a curiosidade intelectual”.

Outras representações com menor frequência expõem a necessidade formativa pelo importante papel pedagógico do fenômeno cinematográfico, por ser fomentador de olhares, por ajudar na formação cultural e na produção de conhecimento. A partir desses posicionamentos, percebemos que é imprescindível, na opinião docente, que o trabalho com os materiais fílmicos esteja amparado por um processo formativo que contribua à extrapolação da linearidade dos conteúdos curriculares e minimização do uso de filmes aleatoriamente. Assim, a carência e urgência na formação dos docentes para aprenderem a explorar os recursos metodológicos da análise fílmica, no sentido de tornar o ensino mais dinâmico e inovador, é uma necessidade premente.

Outra resposta apontada pelos docentes, diz respeito a quanto as novas tecnologias fazem parte do cotidiano dos alunos, contribuindo para uma maior facilidade de acesso a elas. Em uma perspectiva metodológica, essa facilidade de acesso, concomitante com a formação do corpo docente, é relevante no processo de análise fílmica, pois viabiliza a ação docente na orientação aos alunos na escolha dos filmes de sua preferência, nas discussões e entendimento que tiveram do filme assistido e analisado.

Por fim, consultamos os docentes acerca de seus conhecimentos sobre os termos “pedagogia do cinema” e “análise fílmica”. Dos 44 docentes indagados, 28 (63,63%) relataram nunca terem ouvido falar nesses termos, enquanto um quantitativo menor, de 16 (36,36%) emitiu respostas coerentes sobre tais termos. Os dados analisados refletem ainda mais a ausência de formação específica desses docentes para o trabalho com atividades fílmicas em sala de aula, já que não possuem, em sua maioria, aporte teórico-metodológico sobre a pedagogia da linguagem cinematográfica, bem como da análise fílmica, estratégia de significativa importância para o trato pedagógico com o cinema.

Considerações Finais

Discorremos, neste texto, dialogando com vários estudiosos da área, sobre a análise de dados coletados junto a 44 docentes de uma escola pública federal de Belém/PA, acerca do uso de filmes nas atividades escolares, sua relevância como estratégia enriquecedora dos atos de ensinar e aprender, bem como a formação que docentes possuem para o trabalho didático-pedagógico com a análise de filmes.

Averiguamos que 97,72% dos educadores reconhecem a importância de utilizar filmes como instrumento pedagógico escolar. A maioria desses profissionais, em percentual de 84,07%, mantém contato com os filmes, com frequência média de três vezes por semana. Quando questionados sobre a justificativa que poderia ser dada para o uso dos materiais fílmicos em sala de aula, revelaram, em maior parcela, que essa é uma ferramenta capaz de formar o aspecto crítico e intelectual dos estudantes a partir das reflexões sociais.

Outros argumentos expostos referem-se aos materiais fílmicos como recursos dinâmicos e estimuladores, profícuos à formação cultural, facilitadores de aprendizagem e capazes de manter os estudantes atentos durante as aulas. Vimos ainda a sobreposição da rede mundial de computadores quando se trata dos mecanismos utilizados para acessar os

filmes, uma vez que 90,90% dos interrogados acessam os filmes na internet e com menor frequência nos canais televisivos “fechados”.

No que concerne à formação continuada específica para tratar das atividades fílmicas no contexto escolar, revelamos que 75% dos profissionais não frequentaram esse tipo de formação. Logo, a grande maioria desses sujeitos expõe suas percepções indicando a necessidade formativa, visto que na opinião deles os filmes são instrumentos que facilitam a exploração dos temas transversais e outros conteúdos escolares.

Constatada a formação docente mínima para o uso do cinema como recurso didático, revelamos, ainda, que 53,81% dos docentes relatam sentir falta de uma preparação para trabalhar com o cinema. Essa ausência ou carência na formação pode acarretar prejuízos significativos para que objetivos educacionais sejam alcançados, pois, sem uma formação específica para a análise fílmica, existe uma grande possibilidade de os filmes serem trabalhados de forma descompromissada.

Concordamos com as evidências supracitadas, as quais situam os filmes e o cinema como materiais pedagógicos importantes para a educação escolar contemporânea e elemento qualificado de lazer, uma vez que, mesmo usado como entretenimento, a possibilidade de uma assistência crítica não é excluída.

Paralelo a isso, reivindicamos uma ação docente em direção à busca de ferramentas formativas que evidenciem a linguagem cinematográfica como um recurso pedagógico qualitativo no processo de ensino aprendizagem, haja vista seu caráter cultural e contemporâneo que, atrelado a objetivos educacionais, merece ser elevado a um nível de importância na escola básica.

Referências

ALMEIDA, Robson da Rosa. Adorno e Benjamin: cinema e música como práxis revolucionária. **Anais...** Simpósio de Estética e Filosofia da Música — SEEFiM/UFRGS. Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk Editora e Distribuidora, 2011.

CAROLYN, Wilson et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em: 16 fev. 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação? **Revista Educação**, Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 603-616, set./dez. 2009.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, 2008.

FANTIN, Mônica. Mídia-educação e cinema na escola. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 15-16, p. 1-13, jan./dez., 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago., 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

JULIÃO, Rafael. Entre luzes e sombras – a cultura de massas em perspectiva. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 34, jul./set., 2013.

KENSKI, Vani M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KRACAUER, Siegfried. As pequenas balconistas vão ao cinema. In: KRACAUER, Siegfried. **O ornamento da massa**. Tradução Carlos Eduardo Jordão Machado, Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 311-326.

LIONÇO, Vânia; PINHEIRO, Lowrrane Paollo; NASCIMENTO, Valquíria Gandolpho Maciel do. CINEARES: cinema, cultura e integração social. **Seminário de Extensão Universitária da Região Sul**. ed. 31, Florianópolis (SC), 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117438/Cultura%20cineares%20cinema%2c%20cultura%20e%20integra%c3%87%c3%83o%20social%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 fev. 2019.

LOPES, Paula Cristina do Rosário. Literacia Mediática e Cidadania. Perfis de estudantes universitários da Grande Lisboa: enquadramento teórico-conceitual, questões metodológicas e operacionais. **Anais...** Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania", Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, p. 449-462, 2011. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/view/483>. Acesso em: 16 fev. 2019.

LOURO, Guacira. O cinema como pedagogia. In: LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (orgs). **500 anos de Educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 423-446.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução: Lauro Antônio e Maria Eduarda Colares. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p. 621-626, mar. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set.1993. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf. Acesso em: 14 fev. 2019.

MOREIRA, J. Antônio; MONTEIRO, Angélica. Exploração didática de filmes educativos em ambientes virtuais de aprendizagem. **Centro de Inovação e Estudo da Pedagogia no Ensino Superior**, n. 21, p. 3-14, 2012.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de Conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira Ciência & Movimento**, Brasília, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: São Paulo (Estado) Secretaria de Educação. **Caderno de cinema do professor: dois**. São Paulo: FDE, 2009, p. 10-31.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes — conceitos e metodologia(s). In: VI CONGRESSO SOPCOM, Lisboa, 2009. **Anais eletrônicos...** Lisboa, SOPCOM, p. 1-12, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 05 de ago. de 2016.

RIBEIRO, Elisa. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**, Araxá, v. 4, n. 4, p. 129-148, 2008.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials**. 2. ed. London: Sage, 2007.

SANTOMÉ, Jurjo T. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHULZ, Lia; SPESSATTO, Marizete B. E o professor não veio... Duas experiências de exibição de filmes como geradoras de diferentes possibilidades de trabalho e de conhecimento em sala de aula. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**,

Jaén, n. 14, p. 47-62, jul. 2015. Disponível em: <http://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/reid/article/view/2529>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SERAFIM, Maria Lúcia; SOUSA, Robson Pequeno de. Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. In: SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena da M. C da S. C; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Org.). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SILVA, Ana Paula da; DAVI, Tania Nunes. O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula. **Cadernos da Fucamp**, Minas Gerais, v.11, n.14, p. 23-36, 2012.

SILVA, Josineide Alves da. O cinema na sala de aula: um diálogo com o currículo e o cotidiano escolar. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 5, n. 2, p. 29-35, 2010.

SOARES, Osmar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez., 2000.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

VIANA, Marger C. V. O Cinema na Sala de Aula e a Formação de Professores de Matemática. **Mini-curso oferecido aos alunos do Curso de Matemática na UFRRJ**. Dia de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais. 18 maio 2010. Seropédica-RJ.

VIANA, Marger C. V. **Perfeccionamiento del currículo para la formación de profesores de matemática en la UFOP**. Tese (Doctorado en Ciencias Pedagógicas) — Tesis no publicada. Instituto Central de Ciencias Pedagógicas, Mined, La Habana, Cuba, 2002.

VIANA, Sandra S. **O uso do cinema como ferramenta pedagógica para o ensino de ciências na modalidade educação de jovens e adultos**. 84p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Nilópolis, 2009.

Submetido em 29/05/2017

Aprovado em 10/10/2019

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)